

15/10/2024 17:39:00 - AE NEWS

CENÁRIO-2: DÓLAR FECHA NO MAIOR NÍVEL EM MAIS DE 2 MESES COM FISCAL, PETRÓLEO E FATOR TRUMP

O dólar à vista subiu nesta terça-feira ao maior nível desde 6 de agosto, numa soma de fatores locais e externos que resultaram em pressão cambial. Internamente, depois do otimismo com o lançamento de um pacote de contenção de gastos após a eleição municipal dominar as atenções ontem, o investidor hoje ficou sensível a detalhes da proposta, ainda em gestação pelo governo. A visão que emergiu é a de que as ações podem ser apenas um apanhado do já anunciado, o que teria pouca efetividade para conter o aumento das despesas. No fim da tarde, a ministra do Planejamento, Simone Tebet, foi assertiva ao falar sobre a agenda de corte de despesas, mas confirmou que o que está sendo pensado "é algo bem menor". Do exterior, a baixa forte do petróleo já incomodava os agentes. Mas o gatilho adicional da piora veio de falas do candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos, Donald Trump, reforçando o protecionismo caso seja eleito em novembro. Assim, o dólar à vista subiu aos R\$ 5,6570 (+1,33%). Com a subida forte do câmbio, os juros futuros reverteram o movimento visto cedo e tiveram alta. No segmento de ações, o Ibovespa acabou sendo ajudado por bancos, que sustentaram o índice com uma alta leve, de 0,03%, aos 131.043,27 pontos. Nos Estados Unidos, houve fuga da bolsa de Nova York (Dow Jones -0,75%, S&P 500 -0,76% e Nasdaq -1,01%) para a segurança dos Treasuries longos.

- [CÂMBIO](#)
- [JUROS](#)
- [MERCADOS INTERNACIONAIS](#)
- [BOLSA](#)

CÂMBIO

Depois de um alívio temporário ontem, baseado em notícias de que o governo federal avalia medidas para conter o aumento das despesas, o dólar voltou a subir em relação ao real, conforme alguns detalhes sobre as potenciais medidas de controle de gastos vieram à tona e diante de fatores negativos para o real vindos do exterior - entre eles a queda significativa nos preços do petróleo e a possibilidade de a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos atrapalhar a queda dos juros americanos.

O dólar à vista subiu 1,33% e terminou o pregão a R\$ 5,6570 - maior nível de fechamento desde 6 de agosto, quando encerrou a sessão a R\$ 5,6574. No mercado futuro, o contrato da moeda para novembro tinha alta de 1,14%, a R\$ 5,6610.

O Broadcast apurou que o governo avalia dois desenhos para as ações de revisão de gastos: um abrangente, envolvendo mais programas de um número maior de ministérios, e outro mais restrito, focado em ações que já são amplamente citadas pelo governo e que estão em curso, como o aumento da fiscalização no pagamento de benefícios sociais e previdenciários.

O problema, na visão dos especialistas, é que a questão fiscal brasileira necessariamente exige um plano abrangente de redução das despesas. "Há dois pacotes em estudo, mas um é absolutamente inútil, não atende a urgência de uma dívida crescente e explosiva", disse Alexandre Mathias, estrategista-chefe da Monte Bravo.

"Não dá para atacar doença grave com paliativo. Essa ideia do pacote restrito é um paliativo. O mercado fica assustado, porque aparentemente nem mesmo a Fazenda tem o sentimento da urgência que a dinâmica da dívida exige", acrescentou. "É decepcionante, a gente só poderia estar analisando um ajuste duro ou um duríssimo", avaliou.

Gean Lima, estrategista e trader de juros e moedas da Connex Capital, apontou que há uma preocupação subjacente dos investidores com as despesas do governo que correm por fora do cálculo do resultado

16/Out/2024 12:28

primário e que têm efeito sobre o endividamento público. Segundo ele, a questão fiscal está "muito longe de uma resolução" e isso dificulta a montagem de posições compradas em real.

"No câmbio, especificamente, tem muito risco para ambos os lados. A falta de clareza é muito grande. Alguns gestores estavam fazendo trades táticos tentando pegar a valorização do real, dado que vamos continuar a aumentar juros no Brasil e os Estados Unidos seguirão cortando. Mas a questão fiscal é muito forte. Não vejo nada de consistente, de curto e médio prazo. A gente está neutro", acrescentou.

André Carvalho, diretor de portfólio da Acura Capital, acredita que o real está "muito desvalorizado" e poderá ganhar força "caso a questão fiscal tenha uma correta condução". "No entanto, o cenário atual reforça a tese que poderemos ter no curto prazo uma maior desvalorização", acrescentou.

Para a Monte Bravo, o cenário-base é de câmbio a R\$ 5,20 por dólar no final deste ano, mas partindo da premissa de que os cortes de juros nos Estados Unidos continuarão em andamento e de que haverá um ajuste fiscal crível, com déficit primário de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB). "No cenário alternativo, o fiscal falha e o câmbio dispara para R\$ 5,70 a R\$ 5,80", acrescentou. "O câmbio vai caminhar para onde for o fiscal."

Para além dos fator doméstico, o dólar também encontrou força adicional no exterior. Os comentários de Trump em defesa do aumento das tarifas de importação nos Estados Unidos - medida de caráter inflacionário e que poderia reduzir a velocidade do corte de juros no país - também repercutiram no mercado de câmbio e deram força ao dólar no início da tarde.

Carvalho, da Acura, ressalta que a desvalorização do real tem origem nas incertezas que existem no mercado, principalmente na evolução da política fiscal doméstica, mas que nas próximas semanas provavelmente haverá um aumento da volatilidade em função da proximidade das eleições presidenciais ds Estados Unidos. "Também os atuais conflitos bélicos e sua evolução poderão colaborar", acrescentou.

Em menor grau, a queda de aproximadamente 4% nos preços do petróleo prejudicou tanto o real quanto moedas de economias emergentes ligadas a commodities. "A queda no preço das commodities afeta os superávits da balança comercial, mas vale lembrar que os superávits são historicamente elevados", disse Carvalho. (Gustavo Nicoletta - gustavo.nicoletta@estadao.com)

17:38

Dólar (spot e futuro)	Último	Var. %	Máxima	Mínima
Dólar Comercial (AE)	5.65700	1.3309	5.66540	5.58230
Dólar Comercial (BM&F)	5.5866	0		
DOLAR COMERCIAL FUTURO	5658.500	1.0988	5676.000	5591.500
DOLAR COMERCIAL FUTURO	5687.000	1.2102	5687.000	5650.000

Volta

JUROS

O fôlego de queda dos juros futuros se esgotou no começo da tarde e as taxas voltaram a se firmar em alta, tendência que é considerada "natural" enquanto persistirem as incertezas fiscais. A correção ontem puxada pela informação sobre o pacote de contenção de gastos em estudo pela equipe econômica teve vida curta e o mercado agora parece querer ações efetivas do governo. No fim da tarde, a ministra do Planejamento, Simone Tebet, foi assertiva ao falar sobre a agenda de corte de despesas, mas não conseguiu reverter a

trajetória das taxas. Ao longo da sessão houve ainda uma piora no desenho da curva americana que ajudou a pesar sobre as taxas domésticas. O câmbio não ajudou, com o dólar rodando acima de R\$ 5,65, e o leilão de NTN-B com forte aumento do risco para o mercado também pesou.

Às 17h11, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 subia de 12,55% ontem no ajuste para 12,58%, e a do DI para janeiro de 2027, de 12,66% para 12,72%. O DI para janeiro de 2029, que ontem tinha ajuste a 12,63%, marcava 12,73%. No horário acima, as taxas devolviam quase toda a queda vista ontem e retornavam ao nível de encerramento da sexta-feira, levadas por uma combinação de fatores externos e domésticos.

Lá fora, o mercado de Treasuries voltou depois do feriado ontem nos EUA com taxas relativamente comportadas pela manhã. À tarde, o humor azedou com declarações do ex-presidente e candidato republicano à presidência dos EUA, Donald Trump, afirmando que continuaria tentando influenciar as decisões do Federal Reserve se eleito. Além disso, a presidente do Fed de São Francisco, Mary Daly, defendeu redução gradual dos juros, sugerindo que o processo de distensão monetária nos EUA pode ser mais lento.

Com a aversão ao risco instalada, o fluxo das ações migrou para os títulos longos do Tesouro americano, que é o porto seguro dos mercados, e os rendimentos caíram, vitimando também moedas e ativos emergentes em geral. O dólar, já pressionado pela queda das commodities de manhã, acelerou a alta ante o real e passou a rodar nos R\$ 5,66 a partir do meio da tarde.

A piora externa ajudou a curva dos DIs a ganhar inclinação, com as taxas longas subindo em ritmo mais acentuado. O estrategista-chefe e sócio da EPS Investimentos, Luciano Rostagno, afirma que, além da maior cautela no ambiente internacional, o mercado retomou o ceticismo sobre a capacidade da Fazenda de efetivamente entregar o corte de gastos necessário para estancar a trajetória de alta da dívida pública.

Ontem, a notícia de que um pacote de medidas de contenção de gastos seria apresentado após o segundo turno deu combustível para uma redução de prêmios na curva. O Broadcast apurou que a Fazenda trabalha com duas possibilidades, a de um pacote mais amplo e outro mais restrito. Este último mira em ações que já estão em curso, sobretudo em despesas que já mostraram uma trajetória explosiva, como os benefícios sociais, previdenciários e o seguro-desemprego.

"A Fazenda até pode ter boas intenções, mas as medidas ainda têm de passar pelo crivo do presidente. Então, o mercado fica cético, pois Lula vem demonstrando preferência pelo lado mais fácil do ajuste fiscal, que é via aumento da arrecadação. A tendência é que, se aprovadas por ele, as medidas passem por alguma desidratação, tornando-se, assim, insuficiente para melhorar a trajetória da dívida", avaliou Rostagno.

No fim da tarde, Tebet fez uma série de declarações sobre o pacote após reunir-se com o ministro Fernando Haddad, dizendo ter chegado a "hora de levar a sério revisão de gastos estrutural". "Não é possível apenas pela ótica da receita resolver problema fiscal", afirmou. Ela não adiantou que medidas entrarão no pacote, mas confirmou que serão apresentadas a Lula e ao Congresso após as eleições.

Na percepção de um operador de renda fixa, que falou em condição de anonimato, o mercado de DI hoje não recebeu "vendas novas" diante da percepção de que o governo vai entregar muito pouco em relação à agenda de gastos. "Quem quis vender ontem, vendeu, e hoje entrou realização. O mercado está ruim e difícil. E o leilão gigante de manhã ajudou a pressionar", resumiu.

O Tesouro vendeu 1,288 milhão de Notas do Tesouro Nacional - Série B (NTN-B), ante oferta de 1,4 milhão, com risco 218,7% maior para o mercado ante o leilão da semana passada. Os lotes de 500 mil e 750 mil dos papéis para 2029 e 2035 foram absorvidos integralmente, mas a instituição vendeu muito pouco (38.050) da oferta de 150 mil para 2060.

Segundo anotou o professor especialista em renda fixa Alexandre Cabral, em sua página no X, as taxas aceitas pelo Tesouro foram as maiores do ano para os três vencimentos e maiores do que a marcação da Anbima do dia. "O Tesouro vendeu R\$ 5,54 bilhões, maior do que a média de emissão do ano que é de R\$ 3,71 bilhões. Com prêmio, tem comprador." Ele destaca ainda a baixa demanda pelo papel 2060, demonstrando que há dificuldade de alongar a dívida. (Denise Abarca - denise.abarca@estadao.com)

[Volta](#)

MERCADOS INTERNACIONAIS

Movimentos de aversão ao risco levaram fluxo para os Treasuries, o que derrubou os rendimentos da ponta longa e pesou no dólar frente ao iene. No cenário geopolítico, havia novas preocupações de que a resposta de Israel ao Irã está próxima de se consolidar, depois que repercutiam notícias de que o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, teria se dirigido a uma base militar de onde coordenará a retaliação ao país inimigo. A cautela sugou a atratividade das bolsas de Nova York, que caíam também contaminadas pelo pessimismo no setor de semicondutores, após o balanço da europeia ASML. No petróleo, os preços caíram mais de 4%, conforme investidores esperam que o ataque de Israel poupe instalações de energia iranianas, e após uma nova revisão em baixa da expectativa de demanda do produto pela Agência Internacional de Energia. Na reta final para a eleição dos EUA, o candidato Republicano à Casa Branca, Donald Trump, disse nessa tarde que pretende ter certa influência sobre as decisões de juros do Federal Reserve (Fed), caso eleito.

Investidores acreditam que a aguardada resposta de Israel ao Irã pode acontecer muito em breve: hoje, houve certo alívio após notícias de que Israel deu algumas garantias aos Estados Unidos de que não atacará instalações nucleares e petrolíferas iranianas. Porém, as tensões voltaram ao radar depois de relatos de que Netanyahu foi até uma base militar em Teerã, de onde pode ser conduzida uma retaliação.

O risco reduzido de um novo choque de oferta contribuiu para o tombo de mais de 4% do petróleo, que também foi prejudicado pela terceira revisão em baixa consecutiva da AIE para a demanda global do óleo - algo que vem em linha com a opinião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). Ian Lyngen, do BMO Capital Markets, afirma que o mercado de títulos está vendo a queda do preço da commodity por uma perspectiva inflacionária, o que já pesou sobre os juros da ponta longa dos Treasuries.

O movimento de queda da ponta longa foi acentuado pelo fortalecimento da aversão ao risco, trazida por novas falas do candidato à presidência dos EUA Donald Trump. O ex-presidente disse que não espera ter o poder de cortar ou elevar juros, mas criticou a independência política do Federal Reserve. Lyngen destaca que a sinalização de Trump de utilizar tarifas como ferramenta política também não foi bem recebido por ativos de risco.

Dadas as ponderações, o dólar foi penalizado contra o iene, mas avançou contra o euro, às vésperas da decisão de juros do Banco Central Europeu (BCE) que deve reduzir as taxas. O índice DXY, que mede a variação do dólar ante uma cesta de pares fortes, fechou em leve queda de 0,04%, a 103,261 pontos. Perto do fechamento de Nova York, o dólar se desvalorizava a 149,27 ienes neste fim de tarde, enquanto o euro cedia a US\$ 1,0889, e a libra subia a US\$ 1,3071.

No mesmo horário, o rendimento da T-note de 2 anos subia a 3,952%; o da T-note de 10 anos tinha queda a 4,035%; e o do T-bond de 30 anos recuava a 4,322%. Enquanto isso, na Nymex, o petróleo WTI para novembro fechou em queda de 4,40% (US\$ 3,25), a US\$ 70,58 o barril. O Brent para dezembro, negociado na ICE, caiu 4,14% (US\$ 3,21), a US\$ 74,25 o barril.

Nos mercados acionários, o setor de semicondutores pesou sobre os índices de Nova York, depois de uma revisão para baixo pela holandesa ASML para a demanda de seus produtos no ano que vem. Segundo a analista global da XP Maria Irene Jordão, uma demora de recuperação de alguns setores ligados à

inteligência artificial tem prejudicado o desempenho da ASML, que o mercado vê com bons olhos e avalia ter forte potencial de crescimento no médio prazo, visto que tende a ser beneficiada pelos movimentos geopolíticos de nearshoring. O alerta da ASML levou as ações da Nvidia a caírem 4,52%, e as da Intel a recuarem 3,23%.

Também no radar de investidores, hoje o balanço da UnitedHealth decepcionou e levou a companhia a recuar mais de 8%. Enquanto isso, a receita líquida com juros do Citigroup preocupou os mercados, ficando em torno de 1% abaixo do consenso de Wall Street. A ação, que subiu após o balanço, fechou em queda de 5,11%, após as ponderações de investidores. No fechamento, o Dow Jones caiu 0,75%, a 42.740,42 pontos; o S&P 500 teve queda de 0,76%, aos 5.815,26 pontos; e o Nasdaq teve recuo de 1,01%, a 18.315,59 pontos. (Gabriel Tassi Lara - gabriel.lara@estadao.com)

[Volta](#)

BOLSA

Após um início de semana positivo, o Ibovespa obteve ajuste de alta no fechamento, sem sair dos 131 mil pontos, em dia no qual voltou a contar com apoio de parte do setor financeiro, mas não do segmento de commodities, que determinava o sinal da sessão desde a manhã. Tendo operado em baixa ao longo da maior parte do dia, o índice da B3 mostrava, ao fim, leve ganho de 0,03%, aos 131.043,27 pontos, com giro financeiro a R\$ 20,2 bilhões. Nesta terça-feira, oscilou entre mínima de 130.199,82 e máxima de 131.456,51 pontos, saindo de abertura aos 131.005,25. Na semana, o Ibovespa avança 0,81%, com perdas no mês a 0,59% e, no ano, a 2,34%.

À tarde, falas protecionistas do candidato republicano à presidência dos Estados Unidos, Donald Trump, mantiveram o apetite por ativos de risco na defensiva, em Nova York como em São Paulo. Por lá, os principais índices de ações anotaram perdas entre 0,75% (Dow Jones) e 1,01% (Nasdaq) no fechamento. Na B3, os carros-chefes das commodities cederam 1,23% (Vale ON), 1,14% (Petrobras ON) e 0,82% (Petrobras PN) nesta terça-feira. Entre os grandes bancos, o desempenho era misto, mas ganhou força no fechamento, com destaque para alta de 1,15% em Itaú PN, uma das principais ações do índice, e de 0,87% para Bradesco PN.

Na ponta ganhadora do Ibovespa, LWSA (+4,22%), WEG (+2,71%) e JBS (+2,54%). No lado oposto, Azul (-2,97%), Usiminas (-2,39%) e Yduqs (-2,29%)

Com a eleição americana se aproximando e um quadro totalmente em aberto sobre quem sairá vitorioso em novembro, novas declarações de Trump sobre tarifas comerciais, impostos e juros - uma atribuição de direito exclusivo do Federal Reserve - não passaram despercebidas dos investidores. Por aqui, com atenção também voltada ao cenário fiscal doméstico, o dólar à vista subiu 1,33%, a R\$ 5,6570, acumulando ganho de 3,85% nesta primeira quinzena de outubro.

A tarde foi também de avanço para a curva de juros doméstica e, nos EUA, de demanda por Treasuries mais longos, de 10 e 30 anos, o que resultou em queda dos rendimentos desses papéis - considerados referência de proteção. Por sua vez, o ouro fechou em alta, perto da máxima histórica, como refúgio seguro também para o cenário de crescentes tensões no Oriente Médio, em meio à expectativa para um ataque direto de Israel ao Irã.

Apesar da tensão militar, a expectativa é de que a ação israelense não tenha como objetivo as instalações nucleares ou a produção de petróleo do país persa, o que contribuiu para que os preços da commodity recuassem mais de 4% nesta terça-feira, em Londres (Brent) e em Nova York (WTI), levando consigo as ações da Petrobras na B3. O dia foi moderadamente negativo para o minério de ferro na China, com o mercado à espera de uma nova safra de estímulos para o gigante asiático.

Não obstante a cautela externa, o Ibovespa foi pouco volátil na sessão, ancorado no patamar de 130 mil pontos, ressalta Felipe Moura, analista da Finacap.

"O índice tem mostrado alguma força na parte compradora, dado que a curva de juros tem abertura relevante nas últimas semanas, refletindo ainda desconfiança do mercado com relação ao governo fazer o ajuste fiscal necessário", diz Moura, acrescentando que o mercado havia reagido bem, ontem, aos rumores de que o governo estaria preparando um pacote de medidas fiscais para depois do segundo turno das eleições municipais, no fim do mês.

"A manutenção de bons resultados pelas empresas e uma percepção mais favorável sobre o macro seriam uma combinação interessante para que a Bolsa tenha um bom desempenho em direção ao fim do ano", aponta o analista, referindo-se à proximidade do início de nova temporada de balanços corporativos, referentes ao terceiro trimestre.

Para Alexandre Pletes, head de renda variável da Faz Capital, o comportamento recente da curva de juros doméstica tem sido o fator decisivo para a falta de impulso adicional ao Ibovespa - que renovou máxima histórica em agosto, chegando aos 137 mil pontos no melhor momento, no fim daquele mês. Desde então, o índice se acomodou em níveis um pouco mais baixos, rondando agora a marca dos 130 mil ou 131 mil pontos - sem força para subir, tampouco inclinado a uma correção mais forte.

"Parece que após a Moody's elevar a nota de crédito [do Brasil], a situação piorou. Atualmente, a curva [de juros] precifica déficit fiscal para 2025 e gastos excessivos do governo", diz Pletes em nota, na qual destaca a reversão, em andamento, do movimento "considerável" de fechamento da curva de juros observado em setembro.

Na semana, a sessão que tende a trazer volatilidade ao mercado pode ser a de amanhã, quarta-feira, com o vencimento dos contratos de Ibovespa Futuro, e na sexta-feira, com o vencimento de opções sobre ações: dois eventos mensais que, em geral, atraem maior volume para a Bolsa e podem envolver oscilações mais agudas do índice, destaca Andre Fernandes, head de renda variável e sócio da A7 Capital. (Luís Eduardo Leal - luís.leal@estadao.com)

17:34

Índice Bovespa	Pontos	Var. %
Último	131043.27	0.0290
Máxima	131456.51	+0.34
Mínima	130199.82	-0.61
Volume (R\$ Bilhões)	2.01B	
Volume (US\$ Bilhões)	3.58B	

17:38

Índ. Bovespa Futuro	INDICE BOVESPA	Var. %
Último	130950	-0.1677
Máxima	131330	+0.12
Mínima	130210	-0.73

Volta